

Línguas Tupí e ergatividade*

Ruth Maria Fonini Monserrat (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Nas línguas Tupí-Guaraní, assim como no Awetí¹, a característica sintática mais marcante não está na oposição entre transitividade e intransitividade, como nas línguas ditas “ergativas” — em que há tratamento similar de objetos (O) e sujeitos intransitivos (S) em oposição a sujeitos transitivos (A) —, e sim na oposição entre predicação verbal e predicação não verbal, condicionada a ocorrência de um ou outro tipo de predicação pela Hierarquia Referencial (HR) específica desse grupo de línguas (Monserrat e Facó 1983) e pela Topicalização (Top).

Informalmente, a HR pode ser expressa como 1>2>3>4, em que os algarismos representam os referentes do discurso, respectivamente o falante, o ouvinte, um terceiro e um quarto, e o sinal > indica superioridade dos referentes à esquerda sobre os referentes à direita.

Quanto à Topicalização, pode-se dizer que funciona nessas línguas, para as orações basicamente independentes, a Hierarquia Tópica Natural (Silverstein:1977, Hawkinson e Hyman:1975, Foley:1976), segundo a qual é tópico natural de uma oração seu referente hierarquicamente superior. No entanto, qualquer dos termos básicos, ou ainda qualquer circunstância pode ser topicalizado em nível não inicial nessas línguas.

Admitimos neste trabalho o postulado fundamental da Gramática Relacional (Postal e Perlmutter:1974, Johnson:1974) de que todas as estruturas oracionais são baseadas em um conjunto universal de relações entre termos básicos, que em sua ocorrência inicial estão ligados a noções semânticas como “agente”, “paciente”, “benefactivo”, entre outras, de maneira universal uniforme. Ou seja, “agente” é sempre sujeito inicial, “paciente” sempre objeto direto inicial, etc.

Como se interrelacionam nas línguas Tupí examinadas os dois fatores — HR e Top, e como condicionam o tipo de predicação que ocorre em suas estruturas oracionais superficiais?

Definimos VERBO (Monserrat, R. e M. Facó:1981) nas línguas TG como a classe lexical morfológicamente caracterizada por prefixos pessoais

¹ A família Tupi-Guarani, segundo Rodrigues e Dietrich (1997), e Rodrigues (1999) provavelmente constituiu, com o Mawé e o Awetí, “um só ramo do tronco Tupi, um Proto-Mawé-Aweti-TupiGuarani”.

subjativos. Predicação verbal é a que apresenta um verbo na estrutura superficial, predicação não verbal a que não apresenta um verbo na estrutura superficial.

Dá-se a predicação verbal - isso vale em geral para a maioria das línguas TG e o Aweti — unicamente quando, em uma oração independente basicamente transitiva ou intransitiva, seu único referente, ou o referente hierarquicamente superior, é AGENTE e TÓPICO ao mesmo tempo, como nos exemplos a seguir²:

1. (Tb) ere-yuká tapi?ír-a /2s-matar anta-nom/ 'você matou a anta'
2. (Aw) a-tó ka?á.watú-wo /1s-ir mato-loc/ 'fui ao mato'
3. (Pt) o-ĩtá pirá /3s-nadar peixe/ 'o peixe nadou'
4. (Ka) o-me?ẽ xe-vy pakova /3-dar eu-dat banana/ '(ele) me deu banana'
5. (Oy) e-?ó /2s.imp-comer/ 'coma!'
6. (Tp) ara-čokã-patāt /1/2s-matar-querer/ 'quero (ou queremos) te matar'
7. (Kb) n-u-esag-i gã miara /neg-3-ver-neg eles onça/ 'eles não viram a onça'

Dá-se a predicação não verbal³, em geral, quando

a) o PACIENTE é o único referente de uma oração basicamente intransitiva ou é superior ao AGENTE e é TÓPICO de uma oração independente basicamente transitiva:

8. (Tb) xe r-asý nde r-esé /eu rel-dor tu rel-por/ 'estou sofrendo por ti'
9. (Tb) nde potá /tu querer/ 'te desejam'
10. (Aw) kay túp ta?wát /nós ver onça/ 'a onça nos viu'

² Os dados do Aweti são do nosso material de campo. Os exemplos sem identificação de autor foram extraídos do Arquivo de Inéditos do Setor de Linguística do Museu Nacional.

³ Foge ao escopo deste trabalho fazer uma distinção clara, entro da predicação não verbal, entre predicação adjetiva e nominal. Ver a esse respeito o trabalho citado no texto sobre Classes Lexicais em Línguas Tupi, de Monserrat e Facó.

11. (As) cene ro?í' /nós frio/ 'estamos com frio' (ou doentes)
12. (Gn) ne yuká-ta /tu matar-fut/ 'vai (vão) te matar'
13. (Pt) h epiág-i /ele ver-circ/ 'viu-o'
14. (Pt) ore r-úr-i /nós rel-vir-circ/ 'nós viemos'
15. (St) ui auká én /eu matar você/ 'você me mata'
- b) nenhum dos referentes é TÓPICO, sendo-o uma circunstância (CIRC) expressa ou outra oração, numa oração basicamente dependente⁴:
16. (Kb) a?e pype ja gã n-esag-i /isso e eu ele rel-ver-circ/ 'nisso eu os vi'
17. (Pt) oro ji hó-i goiába r-epiag-a /então nós ir-circ goiaba rel-ver-nom/ 'então nós fomos ver a goiaba'
18. (Gj) a-mumáw i zuká-haw /Is-acabar ele matar-nom^{or}/ 'acabei de matá-lo'
19. (Aw) i tó-tu-wo ?í-kítî topepírît a-túp / eu ir-nom^{or}-loc água-para jacaré Is- ver 'quando fui para a água, vi um jacaré'
20. (Tb) kwesé xe só-u /ontem eu ir-circ/ 'ontem eu fui'
21. (Tb) kwesé xe r-ekár-i /ontem eu rel-procurar-circ / 'ontem me procuraram'

Chamamos atenção para o fato de que, nos exemplos de predicação não verbal, não se pode com propriedade falar de sujeitos e objetos superficiais. Nela está sempre presente um sintagma relativo, em que o pronome dependente ou um nominal pleno é interpretado como agente ou paciente — portanto como sujeito ou objeto inicial-, mas superficialmente é apenas o determinante desse sintagma. Ele será interpretado como agente ou paciente de um estado (no caso de uma oração intransitiva básica) ou como paciente de uma ação (no caso de uma oração transitiva básica).

O exame pouco atento da predicação não verbal nas línguas em questão aponta para uma situação *sui-generis*, que à primeira vista permitira pen-

⁴ É preciso salientar que no nível superficial uma oração dependente pode se apresentar sob forma nominal ou adjetiva. Será nominal se se constituir em termo da predicação verbal principal; e adjetiva se constituir predicação secundária. Compare-se, em Português: *quero teu sofrimento* e *quero que sofras*. Para os objetivos deste trabalho, não é necessário aprofundar a questão.

sar em construções ergativas: como os marcadores pessoais não verbais — pronomes dependentes — apresentam um único paradigma para referentes desempenhando o papel semântico de agentes ou de pacientes de estados ou ações, aparentemente fica configurada a situação característica das línguas ditas ergativas, qual seja, a de tratamento semelhante a objetos e sujeitos intransitivos⁵ (básicos, resalte-se, já que não há nessas construções sujeitos e objetos superficiais). No entanto, para se poder falar em construção ergativa é necessária ainda outra condição, qual seja, a de tratamento específico (ergativo) para os sujeitos transitivos.

Voltemos, então, aos exemplos com orações transitivas básicas (9, 10, 12, 13, 15). Nessas orações, o pronome dependente (determinante do sintagma relativo) nunca é interpretado como agente. E o agente, por outro lado, ou é hierarquicamente inferior ao paciente (nas orações independentes sem CIRC topicalizada), ou não está expreso (nas orações em que CIRC é topicalizada), ou é co-referencial com o agente da oração principal (nas orações dependentes).

Que mecanismos existem nas línguas Tupí para a expressão superficial do agente de uma oração transitiva básica inserida ou expressa em uma predicação não verbal? Considerem-se as orações Tupinambá abaixo, que apresentam correlatos formais em diversas outras línguas TG e também em Aweti:

22. koriteĩ kunhã pitanga mo-mbak-i / depressa mulher criança caus-acordar-circ/
'depressa a mulher acordou a criança'

23. a-î-potar nde xe r-ub-a r-epiak-a /1s-pro3-querer tu pro1 rel-pai-nom rel-ver-nom / 'quero que vejas a meu pai'

24. a-î-potar xe r-ub-a nde s-epiak-a /1s-pro3-querer eu rel-pai-nom tu pro3-ver-nom / 'quero que tu o vejas, a meu pai'

Os pronomes livres, no Tupinambá, apresentam um paradigma que coincide apenas parcialmente com o dos pronomes dependentes. Mas mesmo no caso de itens não coincidentes, é bastante confuso seu uso. Assim, temos *ixe ~ xe* para 'eu', *ende ~ nde* para 'você', etc. A única forma em que se mantém a diferença é a de 3ª pessoa, que na verdade existe como pronome unicamente na forma dependente *i ~ s*; sua forma livre correspondente é um substantivo ou demonstrativo. De qualquer forma, outras línguas dispõem de

⁵ Harrison (1981) defende essa posição para o Guajajára (TG), e D. Moore (197...) afirma o mesmo, sem argumentação, a respeito do Gavião (T Mondé).

dois paradigmas mais sistematicamente diferenciados para pronomes livres e dependentes.

Classicamente, considera-se que construções ergativas devem ser caracterizadas morfologicamente. Assim, no caso de haver em línguas TG dois paradigmas distintos para pronomes livres e dependentes, se estes últimos forem interpretados como forma oblíqua daqueles, poder-se-ia dizer que as línguas que apresentam construções semelhantes às dos exemplos 22-24 do (Tb) são ergativas nessas construções, pois as formas dependentes dos pronomes indicam sempre o agente de intransitivas ou o paciente de ações (transitivas) ou de estados (intransitivas), enquanto as formas independentes indicam sempre o agente de transitivas.

Entretanto, o exame mais atento dos referidos exemplos do Tupinambá revela que o que realmente marca o papel semântico dos nominais numa oração transitiva básica em predicação não verbal não é a forma do pronome e sim sua ordenação superficial e sua pertinência ou não ao sintagma relativo, de forma tal que a) o nominal que exerce a função de determinante do sintagma relativo é sempre inequivocamente interpretado como agente ou paciente independentemente de sua forma, dependendo apenas do caráter intransitivo ou transitivo básico da oração; b) se há um nome à esquerda do sintagma relativo, éle é interpretado como agente; c) havendo um segundo nome nessa posição, ele será interpretado novamente como paciente e será sempre um pronome livre ou outro nome, destruindo-se com isso uma das condições da construção ergativa. Comprove-se isso na oração abaixo:

25. (Tb) kwesé ixé Pero xe r-ekár-i / ontem eu (pac) Pedro (ag) eu (pac) rel-procurar-circ/ 'ontem Pedro me procurou'

Assim, os argumentos para considerar a existência de construções ergativas em línguas Tupí até agora não parecem muito convincentes. O que realmente se verifica nessas línguas, como foi dito no início do trabalho, é uma oposição clara e sistemática entre predicação verbal e predicação não verbal. Além disso, na não verbal está sempre presente um sintagma relativo — desempenhe ele função predicativa ou nominal na oração. E mais: o sintagma relativo, segundo o que até agora se viu, apresenta uma restrição fundamental, ou seja, não dispõe de mecanismos formais para que seu determinante possa representar o agente de uma transitiva básica.

Passemos a uma situação distinta. Talvez nela se possa com mais propriedade falar em construções ergativas? Em várias línguas TG, como Guajajara, Tapirapé, Asurini, Oyampi, Tupinambá, Tupí-Médio (sec.18), existe um tipo de construção, no chamado modo Jussivo (em que o objeto da oração principal é co-referente com o sujeito da subordinada), em que o nome

que expressa o sujeito (agente) da subordinada ocorre no caso 'dativo', e o verbo dependente é incorporado ao principal como objeto, tornando-se, o verbo, intransitivo. Isso, aparentemente, só ocorre quando o verbo principal (básico) é *TG ukár 'mandativo' (e que na estrutura superficial é em geral descrito como sufixo). Os exemplos seguintes ilustram essa situação:

26. (Gj) a-esak-kar ne-we /1s-ver-mand pro2-dat/ 'mandei você ver'

27. (Gj) he r-esak-kar ne-we a?e /pro1 rel-ver-mand pro2-dat ele/ 'ele mandou você me ver'

28. (Tp) Kurirā a-ma-tarak-akāt ō-atê-we kamičã /Kurirā 3s-caus-rasgar-mand 3s-esposa-dat camisa/ 'Kurirā mandou a própria esposa rasgar a camisa'

29. (Tb) jawár-a o-juká-ukár ixé-be /onça-nom 3-matar-mand eu-dat/ 'mandou-me matar a onça'

30. (TM) ere-mbaacy rame nde peju-ukár tagoari pupé paje çupé? /2s-dor quando você soprar-mand tagoari com pajé ao/ 'você manda o pajé te soprar quando você está doente?'

31. (Oy) ìa a-inũ-oka Juãu-pe /canoa 1s-fazer-mand João-dat/ 'mandei João fazer a canoa'

32. (Oy) Juãu ìa o-inũ-oka e-upe /João canoa 3-fazer-mand 1s-dat/ 'João me mandou fazer a canoa'

Observe-se, porém, que esse tipo de construção também não pode ser considerada ergativa, na medida em que não há tratamento diferenciado para agentes de transitivas e de intransitivas. O morfema 'dativo' marca indistintamente uns e outros, enquanto o paciente da transitiva não tem marca nenhuma.

Voltando, então, ao sintagma relativo, chega-se à conclusão de que só se poderia falar em ergatividade no caso de haver uma construção que expressasse formalmente o agente transitivo, dentro desse sintagma, de modo diferente daquele pelo qual é expresso o agente intransitivo ou o paciente.

Entre línguas Tupí, uma pelo menos há - o Aweti - que utiliza sistematicamente um mecanismo dessa natureza. Há no Aweti um morfema **pot** (com as realizações [pot ~ por ~ po) cuja função exclusiva é precisamente indicar que o determinante do sintagma relativo é o agente de uma oração transitiva básica. Comparem-se, abaixo, os exemplos em 33-34 e 35-36:

33. a-túp nã tó-tu /1s-ver pro3 ir-nom⁰¹/ 'vi que **ele** foi' (lit: vi a ida dele)

34. a-túp nã kĕy-tu /1s-ver pro3 matar-nom^{or}/ 'vi que **o** mataram' (vi a matança dele)

35. a-túp nã pot kĕy-tu ta?wát /1s-ver pro3 **pot** matar-nom^{or} onça/ 'vi que **ele** matou a onça' (vi a matança da onça por ele)

36. i pwáy i pot ?ú-ap-an /pro1 chamar pro1 **pot** comer-nom^{or}-para/ 'chamaram-me para **eu** comer'

O nome que expressa o paciente pode vir antes ou depois do sintagma relativo:

37. a-kwakúp it úp e **pot** túp-u / 1s-querer '1rel pai pro2 **pot** ver-nom^{or}/ 'quero que **você** veja a meu pai'

38. it atĕ a-pwáy nã **pot** mo?ék-ap-an ?iñi i-kítĕ /pro1 esposa 1s-pedir pro3 pot fazer-nom^{or}-para rede 1-para/ 'pedi a minha mulher para **ela** fazer rede para mim'

Vemos, nesse tipo de oração com **pot**, cumpridas as duas condições necessárias para se considerar a existência de ergatividade: tratamento similar de sujeitos intransitivos e objetos, em oposição a sujeitos transitivos. Reconheça-se que é uma situação bastante restrita essa em que ocorreriam construções ergativas em Aweti. Por outro lado, uma hipótese alternativa talvez pudesse explicar igualmente bem essas construções sem que se precisasse apelar para a de ergatividade: o morfema **pot** seria nela interpretado como prefixo intransitivador genérico⁶. Destarte, o pronome dependente não representaria o agente de uma oração não transitiva e sim intransitiva. Não pretendemos explorar tal hipótese aqui, mas parece-nos que ela talvez trouxesse problemas inesperados, no sentido de exigir regras necessariamente ordenadas, situação não prevista pela Gramática Relacional.

Várias questões se colocam, a partir da constatação de uma construção, digamos, "ergativa" em uma língua Tupí: Qual a origem do 'ergativo' ou 'agentivo' pot em Aweti? A construção com pot é idiossincrática ou pode ser

⁶ Harrison (1981) oferece essa explicação para a ocorrência de **puru** em Guajajara em orações como o desiderativo wer, quando o verbo é transitivo: he-ho-we 1s-go-want 'I want to go', ne-**puru**-esak-wer /zepe he-rehe 2s-people-see-want /without satisfaction/ 1s-with respect to 'you wanted to see me, but couldn't'. O autor considera essa construção com **puru** como instância típica de Antipassiva, "um traço reconhecido como característico de línguas com ergatividade".

rastreada em outras línguas do mesmo grupo? Haveria elementos suficientes para levantar a hipótese de um proto-Tupí com estrutura oracional ergativa? Não temos a pretensão de responder cabalmente a nenhuma dessas questões no presente trabalho. Mas gostaríamos de chamar a atenção para alguns fatos interessantes, recorrentes em diversas línguas Tupí-Guaraní.

Um de tais fatos é a existência nelas de um morfema, que no Tupí-nambá apresenta a forma **poro** (poro ~ por ~ po), chamado por Lemos Barbosa (1956) "prefixo de classe superior", em oposição a **mbaé** "prefixo de classe inferior"; segundo ele, esses dois morfemas ocorrem "necessariamente com todo verbo transitivo que não tenha outro objeto direto", e que assim se torna intransitivo. Seguem exemplos disso em Tupinambá e em Aweti:

39. (Tb)	a-î-pysyk	1s-pro3-segurar	eu o seguro
	a-poro-pysyk	1s-gente-segurar	eu seguro (gente)
	a-mbaé-pysyk	1s-coisa-segurar	eu seguro (alguma coisa)
40. (Aw)	a-?ú X	1s-comer X	comi X
	a-por-?ú	1s-gente-comer	como.gente (sou antropófago) (trans)
	a-kar-?ú	1s-coisa-comer	comi (intr)

Também em construção não verbal pode ocorrer poro em Tupinambá, com o mesmo sentido:

41. (Tb)	xe poro-ausub	pro1 gente-amar	sei ou costume amar
	xe poro-ausub-a	pro1 gente-amar-nom	meu amor aos outros

Observe-se que quando o predicado com **poro** está em forma não verbal o determinante do sintagma relativo formado é interpretado como Agente. É um ponto de contato, portanto, com a construção "ergativa" com pot em Aweti, que pelo menos não torna de todo descabida a hipótese de origem comum para os dois morfemas. Muito trabalho se faz necessário, contudo, antes de se poder afirmar taxativamente qualquer coisa nesse sentido.

Por outro lado, no próprio Tupinambá, assim como por exemplo no Karitiana (da família Arikém) e em outras línguas Tupí, encontram-se certas construções aparentemente com o mesmo cognato, em que este dificilmente poderia ser interpretado com o sentido genérico de "gente" que lhe é atribuído habitualmente, como mostram os exemplos seguintes:

42. (Tb)	xe sý r-esé a-por-abyky	/pro1 mãe rel-por 1s-por-trabalhar/	'trabalho por causa de minha mãe'
----------	-------------------------	-------------------------------------	-----------------------------------

43. **poro**-pysyk /poro-apanhar/ 'apanhar, tanto caça ou pesca'
44. a-só gûi-**por**-epy-an /Is-ir Is-por-trocar-fut-nom / 'vou contratar ou resgatar'
45. a-só apyab-a **por**-epy-an-a /Is-ir homem-nom por-trocar-fut-nom/
'vou contratar com os índios'
- 46⁷. (Gj) ne-**puru**-esak-wer zepe he-rehe /pro2-puru-ver-passado em.vão pro1-
por / 'você queria me ver mas não pôde'

No Sateré (ou Mawé, mais propriamente) há a seguinte construção com o morfema *po*, sem interpretação por parte do pesquisador:

47. (St) e-**po**-?inik to /2imp-po-quieto/ 'fique quieto!'

No Karitiana o uso de *put* (*put* ~ *pur* ~ *pu*) parece bastante sistemático, e o morfema não pode absolutamente ser entendido como "gente" genérico:

48. (Kt) i **pu**?u pan òwã /3 pu.comer neg menino/ 'o menino não come'
(compare, sem *pu*: uy u /1pl comer/ 'nós comemos')
49. uyya i popi anuk ?ip uy **pur**?u pat /nós 3 matar intenc peixe 1pl
pur.comer para/ 'vamos matar peixe para comer'
50. uyya otu mu ta **pur**?u tay /1pl banhar acabar enfático pur.comer fut/enf/
'já tomamos banho, vamos comer!'

Nos exemplos precedentes, de diversas línguas, parece mais razoável pensar que o morfema sob consideração, em suas várias formas, esteja desempenhando a mesma função agentiva que *pot* tão sistematicamente exerce no Aweti.

De qualquer maneira, os exemplos até aqui apresentados mostram *poro*, em suas distintas manifestações, unicamente junto a formas oriundas de verbos iniciais. Mas há duas instâncias intrigantes de *poro* em Tupinambá (Lemos Barbosa, 1956), uma delas junto a um nome e a outra como raiz verbal, com o sentido de 'usar':

51. (Tb) y**poru**-supe (i mo-kanhem-ukar-eym-a) /água.**poru**...etc/ 'não permitindo que o **dilúvio** os destruísse'

⁷ Compare-se a oração 46 com esta outra, em que **puru** tem o sentido de 'gente': u-puru-zuka a?e 'ele mata.gente (é assassino)'. Mas em 46 a interpretação de **puru** como gente é impossível, embora o autor faça exatamente isso.

52. e-î-**poru**-ukar ixe-be nde gûyrapar-a /2imp-pro3-**usar**-mand pro1-dat pro2 arco-nom/ 'deixa-me usar teu arco!'

O primeiro exemplo parece fortalecer a hipótese de *poru* como mero agentivo (ergativo?) nominal, desligado de qualquer relação com verbos, e portanto da hipótese de ser interpretado como intransitivados. Constituiria o segundo nova pista para localizar a origem de tal morfema em uma forma verbal? Ou tratar-se-ia de dois morfemas não relacionados semanticamente?

Uma última consideração: Não sabemos se as raras instâncias do referido morfema encontradas nas análises disponíveis de línguas Tupí a que tivemos acesso para este trabalho se devem à existência meramente vestigial de um outrora produtivo *pot* agentivo, ou a uma pouca clara compreensão de seu sentido e função por parte dos pesquisadores, que os faria "esquecerem-se" de registrá-lo e explicá-lo...

De toda maneira, parece-nos que o fato de um morfema aparentemente agentivo poder ser vislumbrado não apenas em línguas da família Tupí-Guaraní mas também em línguas marginais ou fora dessa família como o Aweti e o Sateré (Mawé), e ainda em uma língua de outra família Tupí, como o Karitiana, é quando menos indício de não ser absurda a hipótese de um proto-Tupí com construções ergativas, pelo menos na situação específica aqui discutida.

Por ora, a meu ver, a única evidência concreta de algo que poderia ser interpretado como ergatividade em línguas Tupí é fornecida pela língua Aweti, com seu agentivo **pot**.

Chave das abreviações usadas

ag	agente	1s	1ª pessoa singular
benef	benefactivo	2s	2ª pessoa singular
caus	causativo	3	3ª pessoa
circ	circunstancial	1pl	1ª pessoa plural
dat	dativo	2pl	2ª pessoa plural
dir	direcional	2imp	2ª pessoa imperativo
enfat	enfático	1/2s	1ª pessoa sujeito quando objeto é 2ª pessoa
fut	futuro	As	Asurini
fut/enfat	futuro enfático	Aw	Aweti
intenc	intencional	Gj	Guajajara
loc	locativo	Gn	Guarani
mand	mandativo	Ka	Kamayurá
neg	negação	Kb	Kayabi

nom	nominal	Kt	Karitiana
nom ^{or}	nominalizador	Oy	Oyampi
pac	paciente	Pt	Parintintim
pass	passado	St	Sateré
pro1	pronome dependente 1 ^a pessoa	Tb	Tupinambá
pro2	pronome dependente 2 ^a pessoa	Tm	Tupí-Médio
pro3	pronome dependente 3 ^a pessoa	Tp	Tapirapé
rel	relacional		

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barbosa, A. Lemos. 1956. *Curso de Tupi Antigo (Gramática, Exercícios, Textos)*. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- Comrie, B. 1978. "Ergativity". In Lehman (ed), *Syntactic Typology*. Austin and London: University of Texas Press.
- Dixon, R.M.W. 1979. "Ergativity". *Language*, 5.
- Foley, W. 1976. "Inherent Referentiality and Language Typology". Seminar given at the Australian National University, October). Canberra.
- Harrison, C.H. 1981. *Typological Disharmony and Ergativity in Guajajara*. SIL (pre-publication draft).
- Hawkinson, A. and L. HYMAN. 1974. "Hierarchies of Natural Topic in Shona". In *Studies in African Linguistics*, n° 5.
- Johnson, D. 1974. *Toward a Theory of Relationally-based Grammar*. Ph.D.dissertation (available from Indiana University Linguistic Club).
- Monserrat, R et alia. 1981. *Classes Lexicais em Línguas Tupi*. Comunicação em sessão de Comunicações Coordenadas na 33^a Reunião Anual da SBPC.
- _____. 1983. "Hierarquia Referencial em Línguas Tupi" in *Ensaio de Linguística (Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura)*. Belo Horizonte: UFMG.
- Noonan, M. 1977. "On Subjects and Topics". In *BLS*, Berkeley, n° 3.
- Perlmutter, D and P. Postal. 1977. "Toward a Universal Characterization of Passive". In *BLS*, Berkeley, 3.
- Postal, P and D. Perlmutter. 1974. *Notes on Relational Grammar*. Summer LSA Institute. RODRIGUES, A.D.R. 1999.
- _____. 2000. "Hipótese sobre as migrações dos três sub-conjuntos meridionais da família Tupi-Guarani", Simpósio "Aspectos Comparativos da Família Tupi- Guarani" (fevereiro de 1999). II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Linguístico - CD-ROM, pp.1596-1605. Associação Brasileira de Linguística, Florianópolis.

Rodrigues, A. D. 1999. Hipótese

Rodrigues, A. D., e Dietrich, W. 1997. On the Linguistic relationship between Mawé and Tupí-Guaraní. **Diachronica**, n.14.2, p. 265-304, Amsterdam.

Silverstein, M. 1976. "Hierarchy of Features and Ergativity". In Dixon, R (ed): *Grammatical Categories in Australian Languages*. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies.

* *Este trabalho foi apresentado na 33ª Reunião Anual da SBPC, em forma de comunicação oral. Em 1985 foi aceito para publicação em Izvéstia, revista da Academia Soviética de Ciências, Moscou.*